

Artigo

Educar como ato de esperança: humanismo e dignidade

Education as an act of hope: humanism and dignity

José Roberto da Silva¹

RESUMO: O Nordeste é visualizado pelo resto do Brasil, e até mesmo pelo mundo, como um espaço a ser superado. Analfabetismo, machismo e secas são palavras que definem os moradores e a região que teima em permanecer *atrasada* na corrida pelo desenvolvimento social e econômico. O Nordeste das artes dá voz ao cangaço, messianismo e coronelismo promovendo filmes, músicas e teatros sobre um espaço de saudade, onde a mudança é negada pela tradição do Nordeste açucareiro. Lampião, Antônio Conselheiro e coronéis ainda assombram os sertões sobre a paisagem das secas dos séculos passados que reduzem o Nordeste a uma região definida por cactos, casas de taipas, carro de boi, sol escaldante e pessoas esqueléticas. Nesse redemoinho de representações e imagens, a figura do analfabeto ganha visibilidade e é fartamente noticiada pela grande imprensa como uma estratégia de continuidade desse Nordeste imutável que não consegue aprender a ler ou a contar. O analfabeto agora pode ser romanceado ou superado pela força de vontade de nordestinos que ousaram romper a “tradição de seus ancestrais” em permanecerem analfabetos e suprimidos ao trabalho braçal. A notícia de nordestinos que romperam “o véu” do analfabetismo é recorrente nas páginas de jornais e noticiadas pela imprensa televisiva incentivando aos leitores e aos telespectadores a superarem as dificuldades e vencerem também, através do estudo e educação, ou seja: se eles podem nós também podemos. A pandemia de 2020 também foi uma tragédia social que ampliou o fosso entre eles (sul e sudeste brasileiro) e nós (Norte e Nordeste) dando visibilidade à estrutura defeituosa que não ajudava em nada os nordestinos a afastar, definitivamente, o fantasma secular do analfabetismo do Nordeste. Apesar das dificuldades e da ausência de um Estado eficaz, os grupos que ficaram de gerir a educação a distância no Nordeste fizeram o possível para alfabetizar e dá continuidade à educação dos nordestinos.

Palavras-chaves: Alfabetização. Grande imprensa. Nordeste.

¹ Professor D. Sc. da Universidade Católica do Rio Grande do Norte – UniCatólica e das escolas da rede municipal e estadual: Escola Municipal de Ensino Fundamental Maurício Fernandes da Silva (Secretaria Municipal de Educação, Esporte e Lazer - Mossoró/RN), Escola Estadual Professor Abel Freire Coelho (Secretaria da Educação e da Cultura). <http://lattes.cnpq.br/8712434332167775> e <https://orcid.org/0000-0001-5543-7398> Email: jose.2020801090@unicap.br

ABSTRACT: The Northeast is seen by the rest of Brazil, and even the world, as a place to be overcome. Illiteracy, sexism and droughts are words that define the residents and the region that insists on remaining behind in the race for social and economic development. The Northeast of the arts gives voice to banditry, messianism and coronelismo by promoting films, music and theater about a space of longing where change is denied by the tradition of the sugar-producing Northeast. Lampião, Antônio Conselheiro and coronels still haunt the backlands with the landscape of droughts from past centuries that reduced the Northeast to a region defined by cacti, mud houses, ox carts, scorching sun and skeletal people. In this whirlwind of representations and images, the figure of the illiterate gains visibility and is widely reported by the mainstream press as a strategy for the continuity of this immutable Northeast that cannot learn to read or count. Illiteracy can now be romanticized or overcome by the willpower of people from the Northeast who dared to break the “tradition of their ancestors” of remaining illiterate and being forced into manual labor. News of people from the Northeast who broke “the veil” of illiteracy is recurrent in newspapers and on television, encouraging readers and viewers to overcome difficulties and succeed through study and education, in other words: if they can do it, so can we. The 2020 pandemic was also a social tragedy that widened the gap between them (the South and Southeast of Brazil) and us (the North and Northeast), giving visibility to the defective structure that did nothing to help people from the Northeast to definitively banish the age-old ghost of illiteracy from the Northeast. Despite the difficulties and the lack of an effective government, the groups that were responsible for managing distance education in the Northeast did everything they could to teach people to read and write and continue to educate people from the Northeast.

Keywords: Literacy. Mainstream media. Northeast.

INTRODUÇÃO

O nordeste das artes: professores e artistas imaginam o sertão

A escrita é importante na escola porque é importante fora dela [...] (Ferreiro, 2001).

O objetivo de nosso artigo é dar visibilidade às classes sociais menos privilegiadas¹ que experimentaram a educação como ato de esperança e passaram a vivenciar uma vida mais digna através do estudo formal ou informal. As notícias de populares que venceram através do estudo influenciaram o coletivo e mobilizaram outros populares a buscar nos livros o conhecimento necessário para fazer um curso técnico, uma faculdade, um concurso público ou simplesmente dar visibilidade a sua arte.

¹ Segundo Harmbach e Santos (2023, p. 3), “[...]falta de acesso à educação para as classes sociais menos privilegiadas. E dentro deste se coloca a hipótese de que é imprescindível a superação do analfabetismo para se alcançar a dignidade humana (atributo visceral ou de maior valor). A opção por este tema se revela pela educação ser de fundamental importância para a pessoa humana, bem como a busca e defesa da dignidade”.



Algumas inquietações nortearam nossa pesquisa, a saber: Quem são essas pessoas que tiveram emancipação social? Como a grande imprensa noticiou essa ascensão social? Como essas pessoas foram influenciadas a ponto de deixarem sua comodidade e dedicarem-se aos estudos? E como Paulo Freire e outros pensadores estão conectados a uma teia de saberes através do tempo e espaço?

No percurso do século XX, o analfabetismo castigava os lugares mais inóspitos do Brasil, ente eles, Norte e Nordeste figuravam como regiões que “negavam” o processo de industrialização e alfabetização.

Em um artigo de opinião, o jornalista Wessley Sales define as raízes do coronelismo e da ditadura civil-militar no Nordeste como motivações para os baixos índices de pessoas alfabetizadas e aptas a trabalharem em indústrias. No percurso de seu texto, ele abre uma oportunidade para um educador pontuar as razões dos altos índices de analfabetismo pelos sertões brasileiros.

Hoje, existe escola e até ônibus, mas criança não é motivada e é obrigada a trabalhar para ajudar a família, muitas vezes na roça. Nunca houve um projeto de Estado com objetivo de zerar ou pelo menos minimizar o analfabetismo no Nordeste. Isso se perpetua. O filho do analfabeto tem mais possibilidade de ser analfabeto. Isso foi acentuado na ditadura e no coronelismo, mas permanece ainda hoje. O filho de um analfabeto não está condenado ao analfabetismo, mas encontrará dificuldades maiores para estudar porque a escola fica longe ou não são estimulados. É um nó complicado que só seria desatado com um projeto de Estado. Mas, isso não existe”, lamenta (Sales, 2022).

A lamentação acima, registrada pelo punho do jornalista Wessley Sales, é uma fala do professor Cineas Santos que vivenciou, ainda criança, na década de 1950, na cidade de Caracol, Estado do Piauí, cenas de pobreza extrema e analfabetismo no seio familiar como determinantes para encontrar no ofício de professor um alento para suas memórias de infância. Para Cineas, quebrar o círculo do analfabetismo, mesmo nos dias de hoje, é uma atividade hercúlea e caberia ao Estado assumir a responsabilidade de elaborar um projeto eficaz para amenizar o quadro socioeconômico dos nordestinos.

Analfabetismo e Norte/Nordeste surgem no imaginário do “resto” do Brasil como palavras que não podem ser desconectadas. Essa narrativa esconde os interesses da elite brasileira que define o que os veículos de comunicação devem informar para as classes menos favorecidas socialmente. Alguns filmes, músicas e uma porcentagem altíssima das novelas imprimem um imaginário que representa o Nordeste construído por tipos sociais, a saber: analfabeto, sertanejo e brutalizado pela natureza inóspita.

Um exemplo é uma programação que a Globo produziu no início do século XXI, intitulada *Brava Gente*, em que o sertão era o pano de fundo de 70% dos episódios, apesar da proposta do

programa ser focar a cultura do povo brasileiro². Na grade dessa programação, visualizamos um capítulo chamado *A moda do chifre*, norteador pela temática de traição, honra e analfabetismo, visualizado pelos telespectadores através da paisagem sertaneja (Brava [...], 2023).

A trama foi exibida na data de 24/07/2001 e foi baseada em uma literatura de cordel de um autor desconhecido, mas trouxe nomes de “peso” como Matheus Nachtergaele, Marcos Pasquim e Mauro Mendonça. A trama se desenrola em uma *cidadezinha* sertaneja, sem localização exata, mas na região Nordeste, e os tipos sociais que povoam o imaginário dessa espacialidade são ditados por um sertão imutável definido pelo delegado, o agricultor analfabeto, o galanteador e a mulher fiel ao marido.

Nesse sertão de homens, de cangaceiros invencíveis e vaqueiros heroicos, de pais, irmãos e maridos que precisam zela pela honra de suas mulheres, de tipos humanos marcados pelo excesso de virilidade, valentia e macheza o gênero feminino exercer o gênero potencializador dessa ordem de coisas masculinas. A mulher, enquanto ser fraco, seria na maioria das narrativas que representa o sertão, inclusive nos discursos produzidos pelos cordéis [...] (Potier, 2016, p. 40).

De acordo com o pensamento exposto acima, a tragédia parece rondar os sertões, pronta para devorar, ou mutilar, os seres humanos expostos a um lugar inóspito e ausente dos poderes públicos, a saber: segurança, saúde e educação. Mas é necessário ir para além da máscara trágica e superá-la através do ato cômico.

Figura 1 – Cena de *Brava Gente*



Fonte: <https://globoplay.globo.com/v/11969470/>

²Segundo Hamburger (2000), “A amarração no título “Brava Gente”, ilustrado em um logo que é a bandeira brasileira decorada com objetos de artesanato regional, acrescenta uma pompa e uma pretensão integradora que beiram a nostalgia dos tempos de quase monopólio da emissora e destoam do tom despojado e ousado dos programas”.

Vejamos um exemplo do senhor Leonardo Bastião, pernambucano e lavrador, que carrega a mística de “todos” os sertanejos: não sabe ler, nem escrever, mas vivencia a chamada de um jornal digital, organizado pela jornalista Maya Santana, e comemora 14 milhões de visualizações e a visibilidade dele em países como Rússia, Índia, França e Bósnia.

Uma espécie de flor rara em pleno sertão de Pernambuco. Leonardo Bastião, um lavrador que é pura simplicidade, faz poesia tocante, inspirado na sua realidade de camponês. O poeta sertanejo é tão bom que seus vídeos têm mais de 14 milhões de visualizações no youtube. Ele é assunto de um documentário, exibido em cinco países e já premiado. “O Poeta Analfabeto” foi mostrado na Rússia, França, Índia e Bósnia, onde ganhou na categoria “melhor roteiro”. No final do mês passado, o filme foi exibido em praça pública, em Itapetim, terra do lavrador. O mais incrível é que Leonardo faz tudo de improviso, palavras, métricas e rimas ‘brotam’ na cabeça dele, que não sabe ler nem escrever (Sem Saber [...], 2023).

O professor Cineas Santos amarga o analfabetismo dos sertanejos ao jornalista Wessley Santos, já o jornal digital *50 e mais* aborda o tema do analfabetismo como uma das razões para a maravilhosa arte de Leonardo. A “democratização” do *Youtube* deu voz a muitos Leonardos, mas as falas de sertanejos como Cineas Santos não contabilizam visualizações no mundo virtual, restando ao Nordeste viver entre a comédia e a tragédia de um cotidiano organizado por interesses de elites dirigentes que negaram um humanismo pleno às populações que vivem nessa região.

Um nordeste letrado: notícias de nordestinos alfabetizados

Se você exerce sua vocação, metade da sua vida está resolvida (Salles, 1998).

No contexto do ano do filme *Central do Brasil (1988)*³, do qual foi retirada a epígrafe acima, “a desconfiança dos investidores internacionais em relação ao Brasil era grande devido à crise financeira internacional e à política cambial populista” (Política [...], 1999). O Brasil que “superou” a crise do início da década de 1990, agora desabava diante de uma economia global que castigava a Ásia e América Latina.

E como estava o Nordeste diante da crise “global” no final do século XX? Algumas notícias de jornais e revistas davam visibilidade de questões “antigas” e “novas” como o badalado *El Ninõ*⁴,

³ Para Telles (2006, p. 1), a questão do analfabetismo e vida sertaneja, “[...] tudo isso está em *Central do Brasil (1998)*, terceiro longa-metragem do diretor Walter Salles, filme que tem sido tomado, não raras vezes, como uma espécie de síntese da identidade nacional”.

⁴ A grande imprensa brasileira alardeava, constantemente, a responsabilidade do *El Ninõ* diante da violenta estiagem de 1998, mas “de acordo com Rajaram Kane, do Grupo de Geomagnetismo do Instituto e autor da pesquisa, em aproximadamente 40% das ocorrências de seca a culpa não é do El Ninõ. [...] Para o autor os meios de comunicação ajudam a propagandear a ideia de que o fenômeno é a principal causa de muitos desastres, tornando-o um mio da destruição [...]” (A culpa [...], 2003).



que ressurgia como fantasma assombrando os sertões em forma de desemprego, analfabetismo e fome.

Figura 2 – Capa da Revista Veja de 06 de maio de 1998



Fonte: <https://revista-veja-6-5-1998-ha-um-registro-Andrade>.

A imagem da revista procurou sensibilizar os leitores e trazer a memória de antigas secas que devastaram os sertões e chicotearam inúmeros sertanejos a um fluxo migratório “aleatório” em direção às grandes capitais do país, proporcionando a negação do humanismo e da dignidade aos nordestinos⁵. Mas não podemos analisar o Nordeste através de um olhar reducionista, porque existem diversas notícias que ampliam o horizonte de visibilidade sobre o povo sertanejo, em que este, através de seu esforço, conseguiu obter uma ascensão social.

Nosso primeiro caso analisado é o de uma professora paraibana que migrou na década de 1980 para região de Brasília:

[...] Maria das Neves, uma babá de 55 anos que só começou a estudar aos 45 e, no mês passado, finalmente conquistou o sonho de concluir o ensino médio. Agora, ela traça um novo plano, que ainda não está totalmente definido: ou trabalhará como professora do ensino infantil, ou com o ensino de jovens e adultos (EJA), onde poderá servir de inspiração. “Foi o meu primeiro contato numa sala de aula como aluna”, explicou ela, que relembra a incerteza do

⁵ Segundo Fischer e Albuquerque (2002, p. 3): “A seca que atingiu o Nordeste do Brasil no período 1997-1999 se instala num contexto já fragilizado pelos efeitos da globalização, que se manifesta através do desemprego, da migração interna na região, da concorrência entre forças desiguais etc.”.

primeiro dia em que se viu em uma aula, e os professores tinham três décadas a menos que ela. [...] “No início eu imaginava fazer um curso de gastronomia, mas no momento em que eu entrei na sala de aula para dar aula, eu decidi que não era gastronomia que estava nos meus planos, e sim a pedagogia”, afirmou ela. [...] A Desterro que ela deixou para trás na década de 1980 era um pequeno município na fronteira da Paraíba com Pernambuco. Hoje, tem pouco mais de 8 mil moradores (Babá [...], 2019).

A importância dessa informação, além da vitória de Maria das Neves, é a inspiração para outros discentes que se encontram, grande parte deles, em estado de vulnerabilidade social. Idade avançada para dar continuidade ao estudo, salários defasados, famílias desestruturadas, alcoolismo, entre outras mazelas sociais que solapam as possibilidades desses estudantes vivenciarem seus sonhos de seguirem carreiras profissionais, tais como médicos, advogados, engenheiros e professores.

Sonhos como os de Maria das Neves conectam-se à impossibilidade imaginada pelo professor Cineas Santos de um Nordeste esmagado por uma estrutura secular de exploração reprimindo o acesso de inúmeros nordestinos a uma qualidade de vida para além de comer, beber e trabalhar.

Mas como essa identidade cultural sobre o Nordeste foi construída? De acordo com Barros (2024):

A falta de identidade cultural entre as elites locais no Nordeste e os diversos grupos sociais das classes mais pobres fez com que não houvesse investimento altruístico em educação pública. A concentração de renda era tal que seria mais atraente para as elites recorrerem a escolas privadas para suas novas gerações, pois escolas públicas sairiam mais caras para eles. Somados esses dois fatos, o investimento em educação pública para a maioria da população foi muito baixo e o atraso relativo da região também foi acentuado por esse problema.

As elites do Nordeste não produziram uma conexão “forte” com as populações sertanejas a ponto de investir em uma educação primária e pública que possibilitasse uma emancipação humanista e que promovesse a dignidade às classes mais pobres. Casos como os de Cineas Santos, Leonardo Bastião e Maria das Neves não encontram conexão do ponto de vista educacional, mas representam elementos folclóricos, como o do personagem de Mateus Nachtergaele que identifica o que é ser sertanejo. Tomando as palavras de Albuquerque Júnior (2021, p. 310), “o sertanejo é, inclusive, visto como um homem inculto, como homem não cultivado, o sertanejo é rude, é rústico, é primitivo, é a própria cara do sertão, é a própria encarnação do sertão, que como dizia Euclides, ‘é ignoto’”.

Notícias de sertanejos que superaram essas vidas em fronteiras⁶ não estão restritos a personagens como Maria das Neves. Conterrâneo de Leonardo Bastião, o pernambucano Robson José

⁶ Sobre o Nordeste, o historiador Albuquerque Júnior (1996, p. 139) afirma: “Um pensamento que chama atenção o para as margens, os limites, as fronteiras, onde vidas sem fama, anônimas se manifestam, brilham, quando se batem com o poder, ‘trocando com ele palavras breves e estridentes’, para depois retornarem as brumas de existência. Estas vidas de fronteira me fizeram pensar nas fronteiras da vida, em como historicamente se traçaram as bordas de nossa identidade, em como foi traçada a geografia que nos marca e nos demarca”.

dos Santos vivenciou, durante décadas, a negação de uma vida digna para ele e seus familiares, restando apenas adotar estratégias, como vender picolé e alimenta-se de restos de comida, para se manter e ajudar seus familiares na periferia de Recife – PE.

A notícia sobre Robson José remente à fala do filósofo chinês Han (2024, p. 28), que afirma: “Onde domina o clima de medo, a esperança não desperta, pois o medo suprime a esperança. Portanto, é necessária uma política de esperança que crie uma atmosfera de esperança contra o clima de medo, contra o regime do medo”. Em uma entrevista concedida à jornalista Ana Carolina Fonseca, o novo juiz de Rondônia dá visibilidade à cruel situação das pessoas que estão abandonados pelo poder do Estado brasileiro, relegadas a formas de vidas quase desumanas.

Antes de ser magistrado, eu trabalhei entre 12 aos 15 anos de idade como vendedor de picolé (dindin) e pipoca nas ruas e ônibus de Recife, para ajudar na alimentação em casa. Enquanto as outras crianças estavam brincando e descansando eu estava nas ruas como comerciante ambulante. Estudava à noite. Aos 15 anos trabalhei em um escritório de uma construtora como serviços gerais, efetuando tarefas de lavar banheiros, servir café/água, e serviços correlatos. Cheguei a retirar comida do lixo (verduras/frutas apodrecidas em um sacolão tipo CEASA) para complementar a alimentação em casa. Porém, esse fato me machuca e não gosto de comentar. [...]A política de cotas é tratar os desiguais de maneira desigual, na exata medida de sua desigualdade, cito nessa frase, um pensamento milenar de Aristóteles que retrata a desigualdade social e econômica que vivi em boa parte da minha vida. Portanto, não desista, acredite nos seu sonho, sonhe alto, tenha objetivo! Tudo vale à pena quando a alma não é pequena (Fernando Pessoa) (Aos 46 anos [...], 2023).

Para Robson José dos Santos, a política de cotas⁷ foi fundamental para ele sair da zona de exclusão social em que se encontrava, possibilitando uma vida mais digna para aqueles que estão largados em desigualdades diante de outros que têm recursos desde sua infância. Casos como do professor Cineas Santos, Leonardo Bastião, Maria das Neves e do juiz pernambucano contribuem para imaginarmos que o Nordeste real e o fantasiado participam de um mesmo teatro registrado pela grande imprensa brasileira que, ora reforça estereótipos iguais à série *Brava Gente* e à vida de Leonardo Batista, ora dá visibilidade às pessoas que saíram da sua zona de conforto, nesses casos, Maria das Neves e Robson José dos Santos.

O nordeste depois de 2020: retrocessos e avanços na educação

⁷ De acordo com a jornalista Mota (2023): “O ano de 2012 foi um marco para a história das ações afirmativas universitárias no Brasil. Após muita luta do movimento negro, a Lei N° 12.711, foi promulgada em 29 de agosto de 2012. A lei garante a reserva de 50% das vagas nas universidades e instituições federais de ensino técnico de nível médio para pretos, pardos, indígenas, pessoas com deficiência e estudantes de escola pública”.



O ano de 2020 marcou a memória de todos os povos diante do avanço do COVID - 19. Mortes, isolamento social e desemprego desestruturaram as diversas formas de organização social do planeta: Índia, China, Estados Unidos da América, entre outros países, experimentaram, de acordo com sua cultura, os efeitos negativos do vírus, enquanto apontavam estratégias para minimizar o impacto na coletividade. Em meio ao redemoinho de eventos que desnor-teava as sociedades, a educação escolar apropriava-se de novos métodos para continuar sua batalha contra a ausência de conhecimento científico.

A realização de reuniões virtuais para planejamento, coordenação e monitoramento das atividades foi a estratégia mais adotada pelos professores para dar continuidade ao trabalho durante a suspensão das aulas presenciais, no Brasil. Na sequência, está a reorganização ou a adaptação do plano de aula, com o objetivo de priorizar habilidades e conteúdos específicos. Em mais de 2,6 mil escolas públicas do Brasil, a suspensão das atividades presenciais, em razão de inadequações de infraestrutura escolar e domiciliares, impossibilitou a adoção de estratégias não presenciais de ensino e aprendizagem. Considerados apenas aqueles estabelecimentos públicos de ensino que informaram não ter adotado aulas on line, mais de 88,4% deles estão localizados nas regiões Norte (1.185) e Nordeste (1.172). Neste grupo de mais de 2,3 mil escolas públicas da educação básica, nenhuma estratégia de ensino-aprendizagem remota foi adotada durante o ano letivo de 2020, mesmo que as atividades presenciais tivessem sido suspensas, quantidade sete vezes superior ao total de escolas públicas das regiões restantes somadas (Entenda [...], 2021).

Novamente, as regiões do Brasil que mais encontraram-se *abandonadas* pelo Poder Público foram o Norte e Nordeste. De acordo com a Fundação Abrinq, nessas regiões, mais de 88,4% não registraram os usos do ensino-aprendizagem de aula remota, prejudicando inúmeros discentes que fazem parte da população ativa do Norte e Nordeste. Mas por que essa mazela social ocorreu? Como os alunos que não tinham internet buscaram outros recursos para estudar? Como ficaram os níveis de analfabetismo nos sertões? Os dados sobre os sertanejos abandonados pelo Poder Público foram registrados? Apesar do ano de 2021 não apresentar dados favoráveis ao Norte e ao Nordeste, encontramos uma informação que dá visibilidade ao protagonismo do Estado do Ceará.

De acordo com o texto produzido pelo professor Davi Marreiro ao jornal Diário do Nordeste,

Fazendo uma retrospectiva constatamos que a ominosa urdidura pandêmica agregou a educação cearense entre seus fios exatamente no dia 19 de março de 2020. [...]É inegável que a imprevisibilidade das circunstâncias privou a regência educacional de estruturar minimamente suas práticas remotas de maneira antecipada, porém toda comunidade escolar precisou aprender abruptamente “a trocar o pneu do carro com o veículo em movimento”. Parece algo impossível? Tal qual é a superação do persistente problema da desigualdade social, e inclusão digital em nosso País. Por esse motivo é preciso reconhecermos que a superação desses desafios somente seria possível através de uma firme parceria social entre os governos, escolas e comunidade.

Todavia, permitam-me destacar um dos vitais cooperadores dessa grande força tarefa: os professores, que com poucos recursos, buscaram novas estratégias didáticas, pedagógicas e transformaram as salas de suas casas em um praticável

ambiente de aprendizagem. Finalmente, entendemos que ainda estamos em processo de aperfeiçoamento. Entretanto os frutos dessa dedicação já estão sendo colhidos, visto que o Conselho Estadual de Educação do Ceará apurou e “os estudantes cearenses são os que mais realizam as atividades escolares que recebem: 90,7% de seis a nove anos; 89% de 10 a 14 anos e 88,8% e 15 a 18 anos” (Marreiro, 2021).

A parceria entre os governos, escolas e comunidade, de acordo com a fala de Davi Marreiro, possibilitou ampliar uma rede de comunicação eficaz entre discentes, docentes e gestores da escola, minimizando os impactos nocivos da ausência de aulas presenciais nos municípios cearenses. A fonte jornalística amplia o horizonte sobre a importância de conectar parcerias entre gestores competentes e professores comprometidos com seu ofício, a saber: a arte de ensinar ao outro. E em outros Estados do Nordeste? Destacamos as ações dos gestores da Paraíba que definiram ações eficazes diante do isolamento social entre 2020 e 2021.

A Educação oferecida no Estado da Paraíba foi mais uma vez reconhecida nacionalmente pelos esforços empregados pelo Governo do Estado, por meio da Secretaria de Estado da Educação e da Ciência e Tecnologia (SEECT-PB), para promover um Ensino Remoto inclusivo e de qualidade para todos os estudantes da Rede Estadual durante a pandemia. Após pesquisa realizada pela Fundação Getúlio Vargas (FGV) indicar a Educação da Paraíba como a que melhor oferece oportunidades de Ensino Remoto aos alunos, o Estado foi reconhecido com o melhor Índice de Ensino à Distância (IEAD) de todo o Brasil, por meio de uma pesquisa realizada pela série ‘Políticas Públicas e as Respostas da Sociedade’, produzida pela Rede de Pesquisa Solidária (RPS), da qual o Centro de Estudos da Metrópole (CEM-Cepid/Fapesp) faz parte.

Em 2020, a ausência de esforços do Ministério de Educação e do Ministério de Economia para coordenar ensino e socorro fiscal reforçou a desigualdade regional, com maior prejuízo para os estados com menor PIB per capita, que apresentaram os piores planos de educação a distância. Apesar disso, em 2021, os estados melhoraram seus programas de Ensino Remoto para as redes públicas, mas quem mais ganhou foram aqueles que optaram pela preservação do orçamento da educação no ano passado, como foi o caso da Paraíba, que acabou obtendo o maior IEAD entre todos os Estados do Brasil (Ensino [...], 2021).

Apesar do documento produzido pela Fundação Abrinq registrar os índices negativos sobre o Norte e o Nordeste, os gestores dos Estados do Ceará e da Paraíba definiram estratégias para orientar os discentes a continuar estudando através do Ensino Remoto, gerenciado pelos professores. Sabemos que o esforço dos alunos e alunas foi fundamental para vencer esse tempo distante de sala de aula, mas a questão do planejamento e distribuição dos recursos dificultaram a vida dos gestores escolares.

CONCLUSÃO

O Nordeste não está limitado a uma construção imaginária produzida pelo eixo Sul-Sudeste, está para além de personagens históricos construídos pela literatura, filmes e músicas. O Nordeste acompanha a dinâmica do contexto do Brasil, vivenciando as questões econômicas sociais e culturais de acordo com seus ritmos e cultura local. A culpa pelo “atraso” educacional não está conectada à população sertaneja ou litorânea, mas às elites dirigentes que consolidaram suas formas de poder e mando na região promovendo a exclusão como um método cruel e desumano.

Apesar de o Nordeste experimentar a exclusão desses grupos, diversos escritores e artistas nordestinos ajudaram a construir a história da literatura nacional dando visibilidade à cultura sertaneja para o Brasil e o mundo. Castro Alves, Ariano Suassuna, Graciliano Ramos, Jorge Amado, entre outros, colocaram o Nordeste no patamar de uma região que produz conhecimento e arte superando o conceito de um Nordeste atrasado intelectualmente.

A questão do analfabetismo tem raízes profundas e entranhadas, tanto no imaginário do Sul-Sudeste como no pensamento do próprio sertanejo que durante séculos “aceitou” a condição de excluído social diante de palavras como “coitadinho”, “trabalhador braçal”, “retirante” etc. A educação e o conhecimento são para aqueles que buscam, e as notícias da grande imprensa deram visibilidade às ações de nordestinos que deixaram o comodismo e superaram sua condição social através do esforço individual ou da articulação coletiva com outros grupos sociais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A CULPA não é só do El Niño. **Agência FAPESP**, 01 out. 2003. Disponível em: <https://agencia.fapesp.br/a-culpa-nao-e-so-do-el-nino/678>. Acesso em: 10 jul. 2025.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Nos destinos da fronteira: a invenção do Nordeste. **Raízes: Revista de Ciências Sociais e Econômicas**, [S. l.], n. 12, p. 139–146, 1996. DOI: 10.37370/raizes.1996.v.512. Disponível em: <https://raizes.revistas.ufcg.edu.br/index.php/raizes/article/view/512>. Acesso em: 10 jul. 2025.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. “O sertão é uma palavra que designa sempre o outro”: entrevista com Durval Muniz de Albuquerque Júnior. **Revista Historiar**, [S. l.], v. 13, n. 24, p. 308–327, jan./jun. 2021. Disponível em: <https://historiar.uvanet.br/index.php/1/article/download/395/321/>. Acesso em: 10 jul. 2025.

AOS 46 ANOS, ex-vendedor de pipoca, depois de fazer mais de 70 concursos, se torna Juiz em Rondônia. **Jusbrasil**, 24 abr. 2023. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/noticias/aos-46-anos-ex-vendedor-de-pipoca-depois-de-fazer-mais-de-70-concursos-se-torna-juiz-em-rondonia/1817211290>. Acesso em: 10 jul. 2025.



POLÍTICA cambial cede e cai na real. **Memorial da democracia**, 13 jan. 1999. Disponível em: <https://memorialdademocracia.com.br/card/politica-cambial-cede-e-cai-na-real>. Acesso em: 10 jul. 2025.

POTIER, Robson William. **O sertão virou verso, o verso virou sertão**: sertão e sertanejos representados pela literatura de cordel (1900 - 1940). 2. ed. São Paulo: NEA - Novas Edições Acadêmicas, 2016.

SALES, Wessley. Analfabetismo no Nordeste é herança maldita do coronelismo e da ditadura militar. **Opinião e notícia**, 07 out. 2022. Disponível em: <https://portalopiniaoenoticia.com.br/noticias/artigos/analfabetismo-no-nordeste-e-heranca-maldita-do-coronelismo-e-da-ditadura-militar-377545.html>. Acesso em: 10 jul. 2025.

SALLES, Walter. **Central do Brasil**. [Filme-vídeo]. Direção de Walter Salles. Produção de Martine de Clermont-Tonnerre e Arthur Cohn. [S. l.]: Le Studio Canal; Riofilme; MACT Productions, 1998. 106 min, son., color., 35 mm.

SEM SABER ler nem escrever, poeta faz sucesso. **50 e mais**: vida adulta inteligente, 20 jan. 2023. Disponível em: <https://50emais.com.br/analfabetos-poetas-do-sertao-fazem-sucesso/>. Acesso em: 10 jul. 2025.

TELLES, Adriana. Central do Brasil como interpretação do país. **Kino Digital**: Revista Eletrônica de Cinema e Audiovisual, [S. l.], n. 1, dez. 2006. Disponível em: <http://www.kinodigital.ufba.br/edicao1/pdf/centraldobrasil.pdf>. Acesso em 10 jul. 2025.

